

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10 Epist. 23.

Guardarei nesta folha as regras boas.
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 17 de Setembro.

(NUMERO 49.)

O amor proprio, e a benevolencia.

MUITOS de meus Leitores, mormente Leitoras não gostão do Carapuceiro, quando este não vem adubado com a pimentinha das facecias — embora algumas se zanguem, quando alguma carapuça lhes assenta de molde: mas nem sempre se podem dizer chalaças; e cumpre, que varie os assumptos quem não quer produzir tedio. Isto posto não he para estranhar, que hum, ou outro numero do Carapuceiro seja mais serio.

Pode se encarar o homem debaixo de duas differentes ideias, ou como creatura racional, ou como hum ente proprio para a sociedade, que pode tornar-se feliz, ou desgraçado, e contribuir para o bem, ou mal de seus semelhantes. Em consequencia destas duas capacidades o Creador do Universo sabiamente o revestio de dous principios de acção, isto he; do amor proprio, e da benevolencia, hum dos quaes serve para o tornar sollicito pelo seu interesse particular, e o outro dispõe-no a soccorrer com todas as suas forças a aquelles, que tendem ao mesmo fim. Esta ideia he tão conforme ás luzes da razão, faz tanta honra a quem nos creou, e tanto realce dá á nossa especie, que custa a conceber, que houvesse homens capazes de representar nos a natureza humana debaixo d'outras cores, pintando-a como unicamente agarrada a hum vil, e sordido interesse.

Mas em verdade quem os induzio a formar hum quadro tão desvantajoso, e que prazer nelle podião encontrar? Accaso entendem, que retractando-se tem retractado a todos os mais homens? Seja

o que for, o famoso Epicuro foi hum dos primeiros, que tão indignamente fallou da especie humana. Se estivessemos pela opinião de seus sectarios, a benevolencia não provém, senão de pura fraqueza; e todos os bons officios, que os homens mutuamente se prestão, são legitimos filhos do amor proprio. Relevava todavia confessar, que isto está muito em harmonia com o restante desta philosophia, que depois de haver formado o homem de quatro elementos, attribue ao acaso a sua existencia, e faz depender todas as suas acções do encontro fortuito, e pendor inintelligivel dos atomos. A vista destas gloriosas descobertas o celebre poeta Lucrecio faz excessivos elogios ao seu heroe, como se este devesse de ser hum genio mais que humano por haver procurado estabelecer, que hum homem em nada se differença d'hum burro. Ora o certo he, que de tal, ou tal homem parece, que se pode sustentar esta proposição sem muito receio de errar.

Nesta escola foi, que Hobes aprendeu a fallar da mesma sorte, se he, que este conhecimento lhe não proveio antes do que havia observado em seu proprio natural: e d'aqui escapou lhe o estabelecer como regra infallivel = Que todo o homem, que se examina a si mesmo, e concidera o que faz, e sobre que fundamentos procede, quando pensa, espera, teme, &c verá por isso quaes os pensamentos, e paixões de qualquer outro homem, que esteja no mesmo caso. Não disputarei em verdade ao Sr. Hobes, que elle deixasse de conhecer melhor que ninguem, quaes fossem as suas propensões; mas de boa fé eu me quizera

muito mal, e teria tão pouca amizade a mim mesmo, como ao restante do mundo, se fosse tão inimigo dos mais, como elle suppõe. Eu penso pelo contrario, que a benevolencia he natural ao coração do homem, e que apesar de todas as paixões, que a estorvão, ou ofuscão, ella ainda conserva algum poder sobre as mais más indoles, e grande influencia sobre as boas. Parece-me além disto, que o que pode subministrar excellente prova desta verdade he, que o melhor de todos os entes he aquelle, que possui toda a laia de perfeições em grao supremo; que deo existencia ao universo, e em quem não pode haver mingoa d'aquillo mesmo, que elle communicou ás suas creaturas sem nada perder do seu poder, e felicidade inalteravel.

He verdade, que os philosophos, de que acabo de fallar, tem feito todo o possivel por invalidar este argumento; de sorte que depois de haverem colocado os deoses no mais feliz estado, que se pode imaginar, no los pintão tão aferrados ao seu proprio interesse, como nós outros miseraveis mortaes, e lhes tirão a gerencia do genero humano sob pretexto de não precisarem de nós: mas se aquelle, que habita no ceo, não carece de nós, não há hum só momento, em que não careçamos d'elle. Se a contemplação dos thezouros immensos do seu espirito constitue as suas mais caras delicias-, o seu maior regozijo provém de conceder com olhos favoraveis esse numero infinito de creaturas, que elle tiron do seio do nada, e que se regozijão em os differentes graos de existencia, e felicidade, de que os revestio. Nisto he, que consiste o verdadeiro, e glorioso character da Divindade, que não pode haver assim creado hum ente dotado de razão, e formado á sua imagem sem lhe ter imprimido algum cunho de tão amavel attributo.

Certamente de que prazer poderia gozar vista d'huma obra, que tão pouco se lhe assemelhasse, hum espirito, cujo amor por suas creaturas não he menos extenso, que o seu conhecimento? Que creatura seria essa capaz de entreter-se de infinitos objectos, e a nenhum amasse á excepção

de si mesma? Que relação haveria entre o espirito, e o coração, entre o entendimento, e as affeições do homem? E poderia jamais florecer huma sociedade de creaturas taes, que para o seu mutuo commercio não tivessem outro principio, senão o amor proprio? He certo, que a razão obrigaría cada homem em particular a procurar a felicidade publica, como hum meio de obter, e segurar a sua: mas se além deste motivo não houvesse hum instincto natural, que nos levasse a desejar as vantagens, e a satisfação dos mais, o amor proprio, apesar de todas as razões do mundo, não tardaria, que sublevasse tudo, e nos arremessasse a hum estado de confusão, e de guerra. Por maior interesse, que a alma tome pela saude do corpo, o nosso sapientissimo Creador julgou, que convinha fazella lembrada do cuidado, que lhe merece pela volta periodica da fome, e da sede; pois elle bem sabe, que se não comessemos, nem bebessemos, se não quando simples ideias abstractas o exigissem, á força de raciocinar logo nos privariamos da vida.

Em verdade facil he conhecer, que nada proseguimos com ardor sem sermos arrastados por huma especie de pendor, que previne a nossa razão, e que como hum pezo para ali pucha o espirito com alguma violencia; de maneira que para estabelecer entre os homens hum commercio perpetuo de bons officios não podia o Creador deixar, a ser possivel, de lhes dar essa generosa inclinação á benevolencia: e donde viria a impossibilidade? Por ventura esta inclinação vai d'encontro ao amor proprio? São-lhe contrarios os seus movimentos? Elles tanto são, quanto o movimento diurno da terra he opposto ao seu movimento annual, ou quanto o movimento em torno do seu centro, (que bem se pode comparar ao amor, proprio), he opposto ao que o leva em redor do centro commum do mundo, que corresponde á benevolencia universal.

Mas o que he, que a este respeito observamos todos os dias? Por ventura a piedade, que sentimos á vista das pesso-

as, que sofrem, ou que jazem na miséria, e o prazer, que experimentamos pelas havermos arrancado a essa miséria, não provão sobejamente, que há huma benevolencia desinteressada? Se a piedade devesse a sua origem á reflexão, que fazemos de sermos todos sujeitos aos mesmos accidentes, ella de nada serviria para o nosso fim; e seria de mais dis-so alegar huma cousa indirecta inadmissivel; por quanto a piedade he huma paixão tão natural, que chegam a sentila com mais força os meninos, e as pessoas menos dadas á reflexão. Na verdade se a compaixão, a benevolencia, &c. são filhas do calculo, como tem dicto alguns philosophos da escola materialista; porque vemos ser muito mais piedoso, muito mais beneficente o bello sexo, do que o nosso? Porque encontramos a mais terna, a mais doce piedade na mimosa denzella, ao mesmo passo, que nos revolta a dureza, e egoismo de muitos doctores?

A respeito da satisfação, que recebemos, logo que hayemos feito serviço a alguém, ou o temos aliviado de suas magoas, satisfação seguramente ineffavel, quando o serviço he importante, e abraça muitos objectos; a que outra causa podemola attribuir, senão ao sentimento interior de havermos praticado huma acção digna de louvor, e que mostra grandeza d'alma? Pelo contrario se em tudo isto não se obra, senão por principio de vaidade, e de amor proprio, não havendo nada de nobre, nem de generoso nas acções ainda as mais estrepitosas. a natureza deixa de as recompensar com esse prazer divino, de sorte que os mesmos elogios, que recebemos por serviços feitos com vistas de interesse não nos satisfazem mais, do que se somos aplaudidos pelo que fizemos sem proposito deliberrado.

A satisfação interior, que sentimos, de sermos bemfeitores do genero humano, he sem duvida a mais nobre recompensa, que podemos aguardar; e os maiores interesseiros nada podem propor se, que tanto se torne em sua vantagem, posto que a inclinação, apesar de tudo isto, seja desinteressada. O prazer,

que temos, em satisfazer a fome, a sede, não he seguramente a causa do nosso appetite; pois huma, e outra o precedem. O mesmo se pode dizer da propensão, que temos para nos tornarmos uteis aos nossos semelhantes, só com a differença desta residir na parte intellectual, e poder ser melhorada, e governada pela razão, posto a preceda, ou antes não seja virtude, senão quando guiada pela razão.

Sei quanta voga, quanto incremento se há dado á doutrina do interesse. Não ignoro, que o nosso seculo, sendo o seculo dos gozos materiaes, tem endoçado o egoismo. Não desconheço, que hoje cada qual só tracta de si, e das traças, com que ha de embaçar aos mais; observo finalmente que o mundo actual só quer o positivo, e que a mór parte da gente olha só aos fins, e nunca aos meios. Todavia entendo, que ainda existem almas generosas, que fazem o bem sem ser por calculos d'interesse, corações verdadeiramente piedosos, que se condoem dos males alheios, e procurão dar-lhes remedio, ou ao menos alivio. Mas ainda quando a benevolencia á força d'estercis calculos do egoismo desaparece dos corações dos homens, toda se iria refugiar no bello sexo, e a piedade motejada, e proscripta pelos philosophos egoistas encontraria sempre doce, e pacifica morada no coração d'huma esposa amante, d'huma mãe carinhosa, d'huma filha desvelada.

Mas caso fosse verdadeira a mimosa doutrina do egoismo, eu diria de bom grado a este respeito o que á cerca da immortalidade d'alma disse o Orador Romano, isto he; que o meu erro me he caro, e que seria para desejar, que todo o genero humano, por sua propria felicidade, estivesse na mesma illusão. A ideia contraria pelo menos encaminha-se naturalmente a desalentar o espirito, e a abysmalo em huma baixeza fatal ao nobre desejo, que temos de fazer bem. Por outra parte ella auctoriza aos ingratos; pois lhes persuade, que os seus bemfeitores tem antes em vista o seu amor proprio, do que a vantagem d'aquelles, a

quem pretendem servir. Fora disto a-
quelle que desterra do mundo o reconhe-
cimento, faz secar quanto pode o ma-
nancial de toda a generosidade; porque
posto que o homem verdadeiramente ge-
neroso não espere premio algum de seus
benefícios, todavia attende ás qualidades
da pessoa, a quem favorece; e como
nada há, que a possa tornar mais indig-
na de os receber, do que a sua insensi-
bilidade, o bemfeitor não se empenhará
muito por lhe prestar novos serviços. Fi-
nalmente sejamos benevolos, apesar da
torrente do seculo, que nos arrastra pa-
ra os frios calculos do egoismo. O mun-
do seria hum inferno, se delle se elimi-
nasse inteiramente a benevolencia, e se
ao menos entre mil egoistas senão achas-
se hum coração generoso, compadecido,
e desinteressado.

VARIEDADE.

Os nomes affectuosos.

Bem sabido he, que no bello sexo re-
side o imperio da ternura. As mulheres
em geral são muito mais carinhosas, que
os homens; e d'aqui as finezas, e agra-
dos, que ellas soem praticar com as pes-
soas, que lhes são caras. Muitas não se
contentão de tractar as suas amigas pelos
seus nomes de baptismo, e ora procurão
modificalos docemente, e até invertelos,
ora ajustão tractar-se reciprocamente por
denominações affectuosas, que tem o seu
fundamento ás vezes historico, ás vezes
de mera fantazia. D'aqui vem as Mari-
quinhas em lugar de Mariasinhas, as
Chiquinhas, as Quinquinhas, as Tetés,
as Tudinhas, as Naninhas, as Finfas,
as Totonias, as Bellinhas, as Bibios,
as Lulús, e Lolós, as Taninhas, as Ca-
nexas, as Cotinhas, as Gilús, as Quilós,
as Bebes, as Quimiminhas, as Chagui-
nhas, as Tatuizinhas, as Mimiz, as No-
noquinhas, as Nhonhós, as Sinhás, as
Dondons, e Yayas, &c. &c.

Não contentes com estes nomes inverti-
dos pela sua ternura ellas tomão entre si

outros para designarem as suas affeições,
e circumstancias de suas amizades, e
chamão-se meus agrados, meus cari-
nhos, meus encantos, meus olhos, meu
coração, meus me deixes, minha firme-
za, meus ciúmes, minhas sandades,
minhas sympathias, minhas trapalhadas,
meus feitiços, minhas gordurinhas, meu
desempenho, meus dedinhos, minhas
tentações, minha priminha, minha ma-
ninha, minhas fortunas, meus arrufos,
minhas tudinhas, &c. &c.

Algumas há, que tambem extendem
essas ternuras a certos sujitos da sua es-
tima, os quaes, apesar de barbadões, e
quasi sempre da classe dos mauembros,
propõe-nas, ou as acceitão, e são co-
nhecidos pelos espedicados de D. Ani-
nha, por craviuhos de Sinhá Bembem,
por negrinho de Yayá Nanú, por embara-
ços de D. Binguinha, por mais que tudo
de D. Chichi, &c. &c. Conheci huma
menina não mal parecida, que tractava por
seu cravinho a certo primo seu, conhecido pe-
lo nome de *Pedoca*, o qual *Pedoca* além de
amarello, como huma vella de cebo, era in-
suportavelmente tollo, e desengraçado: mas
a menina achava-lhe tanto sal! Volta e meia
não fallava senão em seu cravinho, que di-
zia isto, e fazia aquillo. Disserão-me ao de-
pois que o tal cravinho veio a morrer hydropi-
co de comer farinha seca. Achando-me á an-
nos em certa companhia, ali estava huma
velha, que não contava menos de seus 60
annos, e que se apresentava bem espartilha-
da para apertar a fiouzeza das carnes: nenhu-
ma das moças prezentes era mais cheia de
denguices, e ternuras: e como tractassem de
tomar nomes entre si, como com alguns dos
sujeitos, hum magano propoz á velha o tra-
ctala por minha francezinha; e a pobre tolla
acceitou a ironia, e deo-se por muito conten-
te do elogio.

Esses nomes ás vezes são indifferentes; mas
tambem ás vezes tem, como se diz, agoa no
bico, mormente quando tomados entre pesso-
as de differente sexo: por isso alguns pais,
alguns maridos não os querem em suas casas.
Já conheci hum Snr. Manezinho, que era
tractado de sua prima por meus diabinhos e
realmente desempenhou o titulo; porque fez
por amor della cousas do diabo.

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10 Epist 23.

Guardarei nesta folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 17 de Setembro.

(NUMERO 49.

O amor proprio, e a benevolencia.

MUROS de meus Leitores, mormente leitores não gostão do Carapuçeiro, quando este não vem adubado com a pimecúinha das facecias embora algumas se anguem, quando alguma carapuça lhes assenta de molde: mas nem sempre se podem dizer chalaças; e cumpre, que varie os assumptos quem não quer produzir tedio. Isto posto não he para estranhar, que hum, ou outro numero do Carapuçeiro seja mais serio.

Pode se comparar o homem debaixo de duas differentes ideias, ou como creatura racional, ou como hum ente proprio para a sociedade, que pode tornar-se feliz, ou desgraçado, e contribuir para o bem, ou mal de seus semelhantes. Em consequencia destas duas capacidades o Creador do Universo sabiamente o revestio de dous principios de acção, isto he; do amor proprio, e da benevolencia, hum dos quaes serve para o tornar sollicito pelo seu interesse particular, e o outro dispõe-no a socorrer com todas as suas forças a aquelles, que tendem ao mesmo fim. Esta ideia he tão conforme ás luzes da razão, faz tanta honra a quem nos creou, e tanto realce dá á nossa especie, que custa a conceber, que houvesse homens capazes de representar-nos a natureza humana debaixo d'outras cores, pintando-a como unicamente agarrada a hum vil, e sordido interesse.

Mas em verdade quem os induzio a formar hum quadro tão desvantajoso, e que prazer nelle podião encontrar? Accaso entendem, que retractando-se tem retractado a todos os mais homens? Seja

o que for, o famoso Epicuro foi hum dos primeiros, que tão indignamente fallou da especie humana. Se estivessemos pela opinião de seus sectarios, a benevolencia não provém, senão de pura fraqueza; e todos os bons officios, que os homens mutuamente se prestão, são legitimos filhos do amor proprio. Releva todavia confessar, que isto está muito em harmonia com o restante desta philosophia, que depois de haver formado o homem de quatro elementos, attribue ao acaso a sua existencia, e faz depender todas as suas acções do encontro fortuito, e pendor inintelligivel dos atomos. A vista destas gloriosas descobertas o celebre poeta Lucrecio faz excessivos elogios ao seu heroe, como se este devesse de ser hum genio mais que humano por haver procurado estabelecer, que hum homem em nada se differença d'hum burro. Ora o certo he, que de tal, ou tal homem parece, que se pode sustentar esta proposição sem muito receio de errar.

Nesta escola foi, que Hobes aprendeo a fallar da mesma sorte, se he, que este conhecimento lhe não proveio antes do que havia observado em seu proprio natural: e d'aqui escapou lhe o estabelecer como regra infallivel = Que todo o homem, que se examina a si mesmo, e concidera o que faz, e sobre que fundamentos procede, quando pensa, espera, teme, &c verá por isso quaes os pensamentos, e paixões de qualquer outro homem, que esteja no mesmo caso. Não disputarei em verdade ao Snr. Hobes, que elle deixasse de conhecer melhor que ninguém, quaes fossem as suas propensões; mas de boa fé eu me quizera

muito mal, e teria tão pouca amizade a mim mesmo, como ao restante do mundo, se fosse tão inimigo dos mais, como elle suppõe. Eu penso pelo contrario, que a benevolencia he natural ao coração do homem, e que apesar de todas as paixões, que a estorvão, ou ofuscão, ella ainda conserva algum poder sobre as mais más indoles, e grande influencia sobre as boas. Parece-me além disto, que o que pode subministrar excellente prova desta verdade he, que o melhor de todos os entes he aquelle, que possui toda a laia de perfeições em grao supremo; que deo existencia ao universo, e em quem não pode haver mingoa d'aquillo mesmo, que elle communicou ás suas creaturas sem nada perder do seu poder, e felicidade inalteravel.

He verdade, que os philosophos, de que acabo de fallar, tem feito todo o possivel por invalidar este argumento; de sorte que depois de haverem collocado os deoses no mais feliz estado, que se pode imaginar, no los pintão tão aferrados ao seu proprio interesse, como nós outros miseraveis mortaes, e lhes tirão a gfeencia do genero humano sob pretexto de não precisarem de nós: mas se aquelle, que habita no ceo, não carece de nós, não há hum só momento, em que não careçamos d'elle. Se a contemplação dos thezouros immensos do seu espirito constitue as suas mais caras delicias, o seu maior regozijo provém de considerar com olhos favoraveis esse numero infinito de creaturas, que elle tirou do seio do nada, o que se regozijão em os differentes graos de existencia, e felicidade, de que os revestio. Nisto he, que consiste o verdadeiro, e glorioso character da Divindade, que não pode haver assim creado hum ente dotado de razão, e formado á sua imagem sem lhe ter imprimido algum cunho de tão amavel attributo.

Certamente de que prazer poderia gozar vista d'hum obra, que tão pouco se lhe assemelhasse, hum espirito, cujo amor por suas creaturas não he menos extenso, que o seu conhecimento? Que creatura seria essa capaz de entreter-se de infinitos objectos, e a nenhum amasse á excepção

de si mesma? Que relação haveria entre o espirito, e o coração, entre o entendimento, e as affeições do homem? E poderia jamais florescer hum sociedade de creaturas taes, que para o seu mutuo commercio não tivessem outro principio, senão o amor proprio? He certo, que a razão obrigaría cada homem em particular a procurar a felicidade publica, como hum meio de obter, e segurar a sua: mas se além deste motivo não houvesse hum instincto natural, que nos levasse a desejar as vantagens, e a satisfação dos mais, o amor proprio, apesar de todas as razões do mundo, não tardaria, que sublevasse tudo, e nos arremessasse a hum estado de confusão, e de guerra. Por maior interesse, que a alma tome pela saude do corpo, o nosso sapientissimo Creador julgou, que convinha fazella lembrada do cuidado, que lhe merece pela volta periodica da fome, e da sede; pois elle bem sabe, que se não comessemos, nem bebessemos, se não quando simples ideias abstractas o exigissem, á força de raciocinar logo nos privariamos da vida.

Em verdade facil he conhecer, que nada proseguimos com ardor sem sermos arrastados por hum especie de pendor, que previne a nossa razão; e que como hum pezo para ali pucha o espirito com alguma violencia; de maneira que para estabelecer entre os homens hum commercio perpetuo de bons officios não podia o Creador deixar, a ser possivel, de lhes dar essa generosa inclinação á benevolencia: e donde viria a impossibilidade? Por ventura esta inclinação vai d'encontro ao amor proprio? São-lhe contrarios os seus movimentos? Elles tanto os são, quanto o movimento diurno da terra he opposto ao seu movimento annual, ou quanto o movimento em torno do seu centro, (que bem se pode comparar ao amor, proprio), he opposto ao que o leva em redor do centro commum do mundo, que corresponde á benevolencia universal.

Mas o que he, que a este respeito observamos todos os dias? Por ventura a piedade, que sentimos á vista das pesso-

as, que sofrem, ou que jazem na miséria, e o prazer, que experimentamos pelas havermos arrancado a essa miséria, não provão sobrejamente, que há huma benevolencia desinteressada? Se a piedade devesse a sua origem á reflexão, que fazemos de sermos todos sujeitos aos mesmos accidentes, ella de nada serviria para o nosso fim; e seria de mais disso alegar huma cousa indirecta inadmissivel; por quanto a piedade he huma paixão tão natural, que chegam a sentila com mais força os meninos, e as pessoas menos dadas á reflexão. Na verdade se a compaixão, a benevolencia, &c. são filhas do calculo, como tem dicto alguns philosophos da escola materialista; porque vemem ser muito mais piedoso, muito mais beneficente o bello sexo, do que o nosso? Porque encontramos a mais terna, e a mais doce piedade na mimosa donzella, ao mesmo passo, que nos revolta a dureza, e egoismo de muitos doctores?

A respeito da satisfação, que recebemos, logo que havemos feito serviço a alguém, ou temos aliviado de suas magoas, satisfação seguramente ineffavel, quando o serviço he importante, e abraça muitos objectos; a que outra causa podemola attribuir, senão ao sentimento interior de havermos praticado huma acção digna de louvor, e que mostra grandeza d'alma? Pelo contrario se em tudo isto não se obra, senão por principio de vaidade, e de amor proprio, não havendo nada de nobre, nem de generoso nas acções ainda as mais estrepitosas, a natureza deixa de as recompensar com esse prazer divino, de sorte que os mesmos elogios, que recebemos por serviços feitos com vistas de interesse não nos satisfazem mais, do que se somos aplaudidos pelo que fizemos sem proposito delibrado.

A satisfação interior, que sentimos, de sermos bemfeitores do genero humano, he sem duvida a mais nobre recompensa, que podemos aguardar; e os maiores interesseiros nada podem propor se, que tanto se torne em sua vantagem, posto que a inclinação, apesar de tudo isto, seja desinteressada. O prazer,

que temos, em satisfazer a fome, a sede, não he seguramente a causa do nosso appetite; pois huma, e outra o precedem. O mesmo se pode dizer da propensão, que temos para nos tornarmos uteis aos nossos semelhantes, só com a differença desta residir na parte intellectual, e poder ser melhorada, e governada pela razão, posto a preceda, ou antes não seja virtude, senão quando guiada pela razão.

Sei quanta voga, quanto incremento se há dado á doutrina do interesse. Não ignoro, que o nosso seculo, sendo o seculo dos gozos materiaes, tem endoado o egoismo. Não desconheço, que hoje cada qual só tracta de si, e das traças, com que ha de embaçar aos mais; observo finalmente que o mundo actual só quer o positivo, e que a mór parte da gente olha só aos fins, e nunca aos meios. Todavia entendo, que ainda existem almas generosas, que fazem o bem sem ser por calculos d'interesse, corações verdadeiramente piedosos, que se condoem dos males alheios, e procurão dar lhes remedio, ou ao menos alivio. Mas ainda quando a benevolencia á força d'estereis calculos do egoismo desaparece dos corações dos homens, toda se iria refugiar no bello sexo, e a piedade motejada, e proscripta pelos philosophos egoistas encontraria sempre doce, e pacifica morada no coração d'huma esposa amante, d'huma mãe carinhosa, d'huma filha desvelada.

Mas caso fosse verdadeira a mimosa doutrina do egoismo, eu diria de bom grado a este respeito o que á cerca da immortalidade d'alma disse o Orador Romano, isto he; que o meu erro me he caro, e que seria para desejar, que todo o genero humano, por sua propria felicidade, estivesse na mesma illusão. A ideia contraria pelo menos encaminha-se naturalmente a desalentar o espirito, e a abysmalo em huma baixezza fatal ao nobre desejo, que temos de fazer bem. Por outra parte ella auctoriza aos ingratos; pois lhes persuade, que os seus bemfeitores tem antes em vista o seu amor proprio, do que a vantagem d'aquelles, a

quem pretendem servir. Fora disto a-
quelle que desterra do mundo o reconhe-
cimento, faz secar quanto pode o ma-
nancial de toda a generosidade; porque
posto que o homem verdadeiramente ge-
neroso não espere premio algum de seus
benefícios, todavia attende ás qualidades
da pessoa, a quem favorece; e como
nada há, que a possa tornar mais indig-
na de os receber, do que a sua insensi-
bilidade, o bemfeitor não se empenhará
muito por lhe prestar novos serviços. Fi-
nalmente sejamos benevolos, apesar da
torrente do seculo, que nos arrastra pa-
ra os frios calculos do egoismo. O mun-
do seria hum inferno, se delle se elimi-
nasse inteiramente a benevolencia, e se
ao menos entre mil egoistas senão achas-
se hum coração generoso, compadecido,
e desinteressado.

VARIEDADE.

Os nomes affectuosos.

Bem sabido he, que no bello sexo re-
side o imperio da ternura. As mulheres
em geral são muito mais carinhosas, que
os homens; e d'aqui as finezas, e agra-
dos, que ellas soem praticar com as pes-
soas, que lhes são caras. Muitas não se
contentão de tractar as suas amigas pelos
seus nomes de baptismo, e ora procurão
modificalos docemente, e até invertelos,
ora ajustão tractar-se reciprocamente por
denominações affectuosas, que tem o seu
fundamento ás vezes historico, ás vezes
de mera fantazia. D'aqui vem as Mari-
quinhas em lugar de Mariasinhas, as
Chiquinhas, as Quinquinhas, as Tetés,
as Tudinhas, as Naninhas, as Finfas,
as Totonias, as Bellinhas, as Bibios,
as Lulús, e Lolós, as Taninhas, as Ca-
nexas, as Cotinhas, as Gilús, as Quilós,
as Bebés, as Quimiminhas, as Chagui-
nhas, as Tatzinhas, as Mimiz, as No-
noquinhas, as Nhonhós, as Sinhás, as
Dondons, e Yayas, &c. &c.

Não contentes com estes nomes inverti-
dos pela sua ternura ellas tomão entre si

outros para designarem as suas afeições,
e circumstancias de suas amizades, e
chamão-se meus agrados, meus cari-
nhos, meus encantos, meus olhos, meu
coração, meus me deixes, minha firme-
za, meus ciúmes, minhas saudades,
minhas sympathias, minhas trapalhadas,
meus feitiços, minhas gordurinhas, meu
desempenho, meus dedinhos, minhas
tentações, minha priminha, minha ma-
ninha, minhas fortunas, meus arrufos,
minhas tudinhas, &c. &c.

Asgumas há, que também extendem
essas ternuras a certos sujeitos da sua es-
tima, os quaes, apesar de barbações, e
quasi sempre da classe dos maneiros,
propõe-nas, ou as accéptão, e são co-
nhecidos pelos espedaçados de D. Ani-
nha, por cravinhos de Sinhá Bemfem,
por negrinho de Yáyá Nanú, por embra-
ços de D. Binguinha, por mais que vindo
de D. Chichi, &c. &c. Conheci huma
menina não mal parecida, que tractava por
seu cravinho a certo primo seu, conhecido pe-
lo nome de *Pedoca*, o qual *Pedoca* além de
amarello, como huma vella de cebo, era in-
suportavelmente tollo, e desgraçado: mas
a menina achava-lhe tanto sal! Volta e meia
não fallava senão em seu cravinho, que di-
zia isto, e fazia aquillo. Dissêrão-me ao de-
pois que o tal cravinho veio a morrer hydropi-
co de comer farinha secca. Achando-me á an-
nos em certa companhia, ahi estava huma
velha, que não contava menos de seus 60
annos, e que se appresentava bem espartilha-
da para apertar a fiouxeza das carnes: nenhu-
ma das moças presentes era mais cheia de
denguices, e ternuras: e como tractassem de
tomar nomes entre si, como com alguns dos
sujeitos, hum magano propoz á velha o tra-
ctala por minha francezinha; e a pobre tolla
agregou a ironia, e deo-se por muito conten-
te com o logio.

Esses nomes ás vezes são indifferentes; mas
tambem ás vezes tem, como se diz, agoa no
bico, mormente quando tomados entre pesso-
as de differente sexo: por isso alguns pais,
alguns maridos não os querem em suas casas.
Já conheci hum Snr. Manezinho, que era
tractado de sua prima por meus diabinhos e
realmente desempenhou o titulo; porque fez
por amor della cousas do diabo.